



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ-BREVES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

DIECKSON MIRANDA ROMERO

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA-TEA: metodologias usadas pelos
professores da sala “regular” com os alunos na Escola Francisco Chagas da Silva –
Curralinho – PA

BREVES-PA

2019

DIECKSON MIRANDA ROMERO

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA: estratégias usadas pelos professores da sala “regular” com os alunos na Escola Francisco Chagas da Silva – Curralinho/PA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial ao PARFOR/UFPA para a obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof. Dra. Arlete Marinho Gonçalves .

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

R763 Romero, Dieckson Miranda.
Transtorno do Espectro Autista -TEA : estratégias usadas pelos
professores da sala “regular” com os alunos na Escola Francisco Chagas
da Silva – Curralinho/PA / Dieckson Miranda Romero. — 2019.
38 f.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Arlete Marinho Gonçalves
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal
do Pará, Campus Universitário de Breves, Faculdade de Educação,
Breves, 2019.

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Ensino regular.
3. Educação inclusiva. I. Título.

CDD 371.9

DIECKSON MIRANDA ROMERO

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA: estratégias usadas pelos professores da sala “regular” com os alunos na Escola Francisco Chagas da Silva – Curralinho/PA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial ao PARFOR/UFPA para a obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará.

Data de aprovação: 18/10/2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Arlete Marinho Gonçalves
CUMB - UFPA

Examinador I

Examinador II

Dedico este a todos os professores que contribuíram de alguma forma para a construção da presente pesquisa, principalmente os professores da Escola EMEFC.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado à oportunidade de prosseguir com meus projetos de formação.

Agradecer à minha orientadora Dra. Arlete Marinho Gonçalves por ter se dedicado no desenvolvimento do trabalho, pela paciência e companheirismo.

Em especial à minha mãe, Maria Piedade F. Miranda pelo apoio, dedicação e carinho nos momentos de dificuldades.

Aos meus filhos Yudi Ferreira Romero e Enzo Gabriel Ferreira Romero pela compreensão e nas ausências e pelo amor e carinho nos momentos difíceis.

Aos meus colegas de turma por terem trilhado esse caminho de construção de nossos conhecimentos, obrigado.

E aos meus demais familiares e amigos, por entenderem meus momentos de ausência e estresse.

A UFPa que abriu portas através do Parfor e assim contribuindo para a minha formação acadêmica na área da Pedagogia.

Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque educação não é o processo, cujos resultados podem ser totalmente predefinidos, determinados ou pré-escolhidos, como se fossem produtos de correntes de uma ação puramente mecânica e impensável. Devemos, pois, planejar a ação educativa para o homem não impondo-lhe diretrizes que o alheiam. Permitindo, com isso, que a educação, ajude o homem a ser criador de sua história.

(VAGULA *et al*, 2014, p. 53)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar as estratégias pedagógicas de atuação dos professores na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Chagas da Silva no município de Curralinho/PA, em uma sala “regular” com aluno autista, pois Autismo é um transtorno que se caracteriza por diferenciações no comportamento do sujeito, principalmente na área de comunicação e das interações sociais desde os primeiros anos de vida. A pesquisa é de cunho qualitativo. Buscou utilizar técnicas aproximadas da etnografia, obtidas nas entrevistas e diários de bordo. A análise dos dados foi feita levando em consideração a análise semântica de Bardin (2011). Com isso, percebeu-se que a forma como a professora desenvolveu suas atividades em sala de aula com o autista são baseadas em aulas expositivas em que os alunos da turma participam de forma constante, no entanto ainda há falta de compreensão em se trabalhar com o aluno autista a partir do conhecimento do aluno e de seus interesses. A relação dos alunos autistas com os colegas de escola ainda é restrita, pela falta de conhecimento das especificidades do aluno TEA, em especial quando o aluno estereotipo.

Palavras-chaves: Transtorno do Espectro Autista. Ensino Regular. Estratégias de inclusão.

ABSTRACT

This study aims to follow the work of teachers in groups that have autistic students included in the Municipal School of Elementary Education Francisco Chagas da Silva in the city of Curralinho / PA, aiming to make surveys about the methodologies used, difficulties encountered and the relationship between with the autistic student. Qualitative research was based on Bogdan and Biklen (1994), where ethnographic techniques were used, according to André (2012). The analysis of the data obtained in the interviews, questionnaires and logbooks were made taking into consideration Bardin (2011). With this, it is noticed that the way teachers develop their classroom activities with the autistic are based on expository classes in which the students of the class participate in a constant way and that has very positive result for the students' learning, as well as to the relationship between these autistic students and their schoolmates, who come to have a new opinion during the daily school life.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Regular education. Inclusion strategies.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Problematização	11
2	OBJETIVOS	12
2.1	Objetivo geral	12
2.2	Objetivos específicos	12
3	RELEVÂNCIA SOCIAL, EDUCACIONAL E ACADÊMICA	12
3.1	Relevância social	12
3.2	Relevância educacional	13
3.3	Relevância acadêmica	14
4	METODOLOGIA	15
5	REFERENCIAL TEÓRICO	17
5.1	História do Transtorno do Espectro Autista	17
5.2	Tipos e causas de Transtorno do Espectro Autista – TEA	19
5.3	Características dos tipos de TEA	22
5.4	A Educação para pessoas com TEA	24
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERENCIAS	31
	ANEXO A – ENTREVISTA	34
	ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	36
	ANEXO C - DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR	38

1 INTRODUÇÃO

A Educação Especial chegou ao Brasil a partir do século XIX, por influência de experiências europeias e norte-americanas, alguns brasileiros trouxeram ideias para organizar o tratamento de pessoas com deficiências físicas, mentais e sensoriais. Esse tratamento iniciou de forma isolada e particular, ou seja, não havia nenhuma relação com as políticas públicas da educação. Somente após um século a educação passou a ser um componente do nosso sistema educacional. (BERETA; VIANA, 2014).

O Transtorno do Espectro Autista –TEA- na história das Psicopatologias Desenvolvimento sua descoberta é bem recente e inicialmente considerado pelo Psicanalista Bruno Bettelheim como uma tipo de doença relacional sendo o foco do problema na relação diática, ou seja, mãe bebê, a qual dá origem a expressão “mãe geladeira” e sua casa associada a fatores ambientais. Atualmente considera-se o Autismo como de ordem multifatorial, com etiologias variadas e de origem neurológica (Moreira, 2005), sendo que, Orrú (2012) apresenta o estudo do psiquiatra austríaco Léo Kanner, EUA, Médico do Departamento de Psiquiatria Infantil do Hospital “Johns Hopkins”, em 1943, o Artigo “Distúrbios Autistas do Contato Afetivo”, em que o referido Artigo descreve o caso de onze crianças com quadro de autismo severo, marcado por características de obsessividade, estereotípias e ecolalia bem acentuados. Um outro traço percebido de suma importância por Kanner em seu estudo foi que o distúrbio afeta a interação da criança com seu ambiente e pessoas desde o início de sua vida. Os traços apresentados pelo grupo de crianças observado por Kanner eram de acordo com Orrú (2001, p. 19):

Incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e no uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada de tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas.

Seu estudo destaca uma sintomatologia que acompanha a criança desde o nascimento a não ter ou manter contato com o ambiente, não manter contato visual, problemas na aquisição da fala, dificuldade de generalizar conceitos de usar o pronome eu, não apresentar mudanças na expressão facial diante dos estímulos advindos do ambiente, o uso de prosódia, tendência a ignorar o que lhe é perguntado, recusa determinados alimentos, sendo que, apresenta pica, palavra dada ao ato de ingerir objetos não comestíveis, como: sabonete, giz, etc; por exemplo comportamento repetitivo, a criação e manutenção de rotinas, sensibilidade aguçada, para mais ou menos, dos sentidos, ser suscetível a crises ansiosas diante de mudanças ou alterações bruscas dos ritos.

Segundo Cunha (2012) Kanner apodera-se do termo autismo pelo psiquiatra suíço Bleuler, empregado pela primeira vez em 1911, cuja finalidade era descrever a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia e que “ o termo ‘autismo’ deriva do grego ‘autos’ que significa ‘por si mesmo’ e ‘ismo’ = condição, tendência”, pois as crianças observadas pelo psiquiatra austríaco apresentavam as características de isolamento, idêntica as demonstrada pelos esquizofrênicos, diferenciando que no autismo estava presente desde da tenra idade.

O presente trabalho visa analisar as estratégias pedagógicas que os professores da sala regular utilizam em sala de aula no processo de ensino- aprendizagem na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Francisco Chagas da Silva”, do município de Curalinho/PA, com uma criança com TEA, e identificar se existe ou não interação do aluno TEA com outras crianças consideradas “normais” no ambiente escolar.

1.1 Problematização

As dificuldades inerentes ao desempenho da pratica de ensinar em turmas em que existem alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA, fez com que despertasse a necessidade em buscar conhecer um pouco mais acerca do tema, quais autores se apresentam discutindo o assunto e entender mais sobre a forma como se relacionam com quem as cercam e a forma como os professores encaram essa tarefa difícil e nobre. Com isso e diante das dificuldades pessoais, os seguintes questionamentos surgiram, como por exemplo: Quais estratégias uma professora da sala regular utiliza no processo de ensino-aprendizagem na Escola loco? Quais as dificuldades encontradas pela professora em se relacionar com a criança com TEA? Como é realizada a interação do aluno TEA com outras crianças no ambiente escolar?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar as estratégias utilizadas por uma professora da sala regular considerando sua prática pedagógica com o aluno com Transtorno do Espectro Autista – TEA, na Escola

Municipal de Ensino Fundamental “Francisco Chagas da Silva”, do município de Curralinho/PA.

2.2 Objetivos específicos

- Conhecer as principais estratégias utilizadas pela professora ao desenvolver atividades com aluno TEA;
- Identificar as dificuldades enfrentadas pela professora no desenvolvimento da prática inclusiva com a criança com TEA;
- Promover a inclusão de um aluno autista na sala regular.

3 RELEVÂNCIA SOCIAL, EDUCACIONAL E ACADÊMICA

3.1 Relevância social

Anteriormente, de acordo como relatado na história em trabalhos como os de Amaral (1995), as pessoas que nasciam com deficiência eram tidas como incapazes de conviverem com as pessoas tidas como normais, não eram aceitas na sociedade, cabendo ao pai, por exemplo, executar o filho se esse apresentasse alguma disfunção neural ou física. De acordo com documento publicado pelo MEC publicado em 2006, vem nos colocar que atualmente ainda ocorrem atitudes sociais de marginalização das pessoas com deficiência, semelhantes àquelas vividas na Antiguidade Clássica, o que nos parece bastante inaceitável em pleno século XXI.

Logo, se torna de fundamental importância que essas pessoas sejam percebidas e tenham oportunidades de conviverem com as demais pessoas em sociedade. Segundo Corrêa (2010):

Além da declaração de Salamanca, encontramos vários outros documentos que garantem a todos os indivíduos o direito de aprender e crescer convivendo em sociedade, como por exemplo, a Declaração Mundial Sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas da Aprendizagem (1990) e a Convenção de Guatemala (2001), os quais influenciaram a elaboração de políticas públicas na área de educação especial no Brasil.

Existem vários trabalhos desenvolvidos e documentos em forma de leis que visam seguir os tratados e declarações pertinentes aos seres humanos ditos normais e os com algum tipo de necessidades especiais, no Brasil o governo federal através do Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Especial emitiu no ano de 2006 alguns conceitos e normas que apoia a construção de sistemas de ensino inclusivos com desenvolvimento de políticas públicas de democratização do acesso á educação, de gestão participativa, de formação de professores, de eliminação de barreiras pedagógicas, atitudinais, físicas e nas comunicações que possibilitam o acesso pleno ao currículo, que visam esclarecer a importância em se compreender e permitir com que os essas pessoas com necessidades especiais possam ter convívio social, tanto na área educacional, como na social e etc.

3.2 Relevância educacional

Somente no final da década de 50 e início da década de 60 a Educação Especial começou a ser implantada no Brasil oficialmente com o título de “Educação dos Excepcionais”. E se formos levar em consideração a outros países, ocorreu de forma muito lenta, sendo que até hoje grande parte das escolas brasileiras não estão preparadas para receber esses alunos e muitas das vezes isso ocorre de forma abrupta, o que poderá causar algumas dificuldades no início. (BERETA & VIANA, 2014). De acordo como foi colocado pelo Ministério da Educação – MEC -, quando se fala em inclusão, deve-se levar em consideração os seguintes termos:

Nesse sentido, a **Educação Inclusiva** visa reduzir todas as pressões que levem à exclusão e todas as desvalorizações, sejam elas relacionadas à capacidade, ao desempenho cognitivo, à raça, ao gênero, à classe social, à estrutura familiar, ao estilo de vida ou à sexualidade. Entretanto, será que as sociedades e os sistemas educacionais estão preparados para realizar essa Educação Inclusiva? Será que as sociedades e os sistemas educacionais modificaram suas concepções e atitudes no olhar dado aos alunos com necessidades educacionais especiais?

Percebe-se que a inclusão propriamente dita vai além da questão de inserção de alunos

com deficiência ou sem deficiência em uma classe especial, dependendo de cada situação e necessidade. Vejamos o que dizem Bereta & Viana (2014):

Aceitar e aprender a conviver com a diversidade é o primeiro passo para a criação de uma escola de qualidade para todos. Esses fatos reforçam a percepção e que as políticas de inclusão devem ser adotadas, permitindo que uma parcela de alunos anteriormente excluída das demais, possa a partir daí fazer parte das escolas comuns regulares.

Mantoan (1997, pág. 97), vem nos falar que um dos objetivos da educação inclusiva tem que ser entendida como uma forma de buscar entender as dificuldades de aprendizagem de qualquer aluno dentro do que é proposto no sistema educacional vigente, assegurando que esses alunos tenham os mesmos direitos que outras crianças que fazem parte das escolas regulares.

3.3 Relevância acadêmica

Em 2006, a UNESCO, o Ministério da Justiça, o Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Direitos Humanos lançam o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos objetivando, dentre as suas ações, fomentar no currículo da Educação Básica as onze (11) temáticas relativas às pessoas com deficiência e desenvolver ações afirmativas que possibilitem inclusão, acesso e permanência na Educação Superior. Para isso, segundo Brasil (1994, p. 4):

Nesse sentido, a Educação Inclusiva visa reduzir todas as pressões que levem à exclusão e todas as desvalorizações, sejam elas relacionadas à capacidade, ao desempenho cognitivo, à raça, ao gênero, à classe social, à estrutura familiar, ao estilo de vida ou à sexualidade.

Com isso, percebemos a necessidade da academia abraçar essa causa e focar em trabalhos de pesquisas que visem colaborar com o entendimento e minimização dos problemas oriundos ao processo de ensino e aprendizagem, bem como a questão da socialização dos mesmos nas comunidades em que vivem. MEC, (2006), vem acrescentar o seguinte ponto de que o Decreto número 3.956/2001 concluído em junho de 1999 promulga a Convenção Interamericana para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra Pessoas Portadoras de Deficiência, em seu Artigo 1, diz:

As pessoas portadoras de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdade fundamental que as outras pessoas e que estes direitos, inclusive o direito de não serem submetidas à discriminação com base na deficiência, emanam da igualdade e

dignidade que são inerentes a todo ser humano.

Na Educação Especial Inclusiva procura-se encontrar caminhos e meios facilitadores para a aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais, através da ação pedagógica, recursos educacionais mais individualizados e para isso precisa de professores especializados.

A escola, as famílias e a sociedade precisam aceitar e compreender que a Pessoa com Deficiência não um ser incapaz, mas diferente e com capacidades surpreendentes. A Inclusão é o rompimento com o preconceito, a discriminação e os velhos paradigmas educacionais do passado, a partir da Declaração de Salamanca, em 1994, as pessoas que anos e anos viveram na segregação e isolamento são reconhecidas como cidadãos, porque as crianças com Deficiência possuem e desenvolvem competências e habilidades tanto quanto as crianças ditas normais, e dessa forma podem contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e social.

4 METODOLOGIA

A referente pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Chagas da Silva, que fica localizada na Avenida Jarbas Passarinho, Bairro Centro, município de Curralinho/PA. Teve como participante 1 (uma) professora pedagoga da sala regular de Ensino Fundamental e 1 (um) do 1º Ano, com idade média de 7 anos.

Como se trata de uma pesquisa de cunho qualitativa, buscamos direcionar nossa atenção na compreensão dos processos de ensino-aprendizagem em sala de aula que tem aluno com autismo matriculado na sala regular de ensino. As pesquisas qualitativas privilegiam, principalmente a compreensão dos problemas a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação, pois, segundo Bogdan e Biklen (1994), esta pesquisa permite descrever um fenômeno em profundidade através da apreensão de significados e dos estados subjetivos dos sujeitos pois, neste estudo, há sempre uma tentativa de capturar e compreender as perspectivas e os pontos de vistas dos indivíduos sobre determinado assunto e pode-se dizer que o principal interesse deste estudo não é efetuar generalizações, mas particularizar e compreender os sujeitos e os fenômenos na sua complexidade e singularidade.

No mais, a presente pesquisa nos remete a utilização de algumas técnicas existentes na etnografia (ANDRÉ, 2012) para um estudo de caso, o pesquisador é o principal instrumento de coleta e análise de dados, permitindo reagir imediatamente, fazer correções, descobrir novos horizontes, bem como, pode cometer erros, perder oportunidades, envolver-se demais em

certos casos e menos em outros, mas o importante é saber lidar de forma consciente e ativa com a sua condição humana é o principal desafio que o pesquisador deverá enfrentar, sendo que, os dados empíricos serão coletados por meio de entrevistas voltados para uma professora da sala regular de ensino onde se encontra matriculados aluno com TEA e os ambientes que o aluno circula na escola.

Numa etapa inicial foi feito um levantamento dos profissionais que se disponibilizaram a participar da pesquisa, depois de definido os participantes, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre¹ de participação da pesquisa a professora selecionada e que aceitou participar da pesquisa.

Como a principal técnica de busca de dados que venham colaborar com a presente pesquisa será a entrevista e buscaremos tratar de que forma essa técnica é compreendida no meio acadêmico, haja vista, a entrevista ser um dos meios mais utilizados para a obtenção de informações pertinentes as pesquisas qualitativas e que de acordo com o tipo, poderá fornecer dados estatísticos importantíssimos. Vejamos as definições para tal:

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo *entrevista* refere-se ao *ato de perceber realizado entre duas pessoas*. (RICHARDSON, 1999. p. 207).

¹ Ver apêndice 6.2

Rosa e Arnold (2006) nos afirmam que a utilização de pesquisas em que o pesquisador almeja conhecer seu objeto de estudo, atitudes, comportamentos e sentimentos relevantes aos objetivos em questão, ultrapassando uma mera descrição de fatos ocorridos, por exemplo, a entrevista é tida como essencial.

De acordo com Gil (1999), a entrevista pode ocorrer levando em consideração quatro formas: Informal, focalizada, por pauta e formalizada, mas nesta pesquisa optou-se pela Entrevista Informal, “É o menos estruturado, o objetivo básico é a coleta de dados. Visa oferecer uma visão aproximada do problema, sendo recomendado para estudos exploratórios”.

De acordo com Bauer e Gaskell (2000), a compreensão oferecida em maior profundidade durante a realização de entrevistas qualitativas pode fornecer informações contextualizadas de suma importância para explicar alguns acontecimentos relevantes para o pesquisador.

A pesquisa terá como análise o embasamento segundo Bardin (2011), que é caracterizada de acordo com três formas: Pré-análise; Exploração do Material e Tratamento dos Resultados: Interferência Interpretação. O autor coloca que na Pré-análise ocorre a sistematização de ideias e hipóteses em que os objetivos estejam bem definidos, utilizando-se leituras flutuantes no escopo do material em questão. Já na Exploração do Material é o momento em que deverá ocorrer a aplicação sistemática das decisões tomadas. E por último, o tratamento dos resultados, onde, se buscará as informações necessárias através de testes que possam validar a pesquisa em si.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 História do Transtorno do Espectro Autista

De acordo com Klin (2006); Tamanaha (2008) e Dos Santos, *et al.*, (2016), o TEA foi caracterizado por Leo Kanner no ano de 1943 e tornou-se um dos desvios comportamentais mais estudados, debatidos e principalmente podendo-se identificar a diferença do comportamento esquizofrênico e do autismo. Até hoje, sua descrição clínica é utilizada da mesma forma, que foi chamado de Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo – Síndrome Única. Porém no mesmo ano de 1943 Asperger propôs um estudo com definições similares à de Leo Kanner.

Segundo Tamanaha (2008), no ano de 1944, Hans Asperger um médico também austríaco escreve outro artigo com o título Psicopatologia Autística da Infância, descrevendo

crianças bastante semelhantes descritas por Kanner. Atribui-se tanto a Kanner como a Asperger a identificação do autismo, sendo que por vezes encontramos seus estudos associados a distúrbios ligeiramente diferentes.

Para Nogueira (2007, p. 242), “a maioria dos Autista tem a aparência física de uma criança normal, porém o comportamento é diferente”. Reconhecer o autismo é difícil até para os especialistas na área de psiquiatria, por não ser considerado doença e a psiquiatria moderna define com o autista como Transtorno de Espectro Autista (TEA).

Em seu livro, Melo (2007, p. 72) apresenta alguns sintomas que são fundamentais para identificar uma criança com autismo. De acordo com autor:

Usa as pessoas como ferramenta, resiste à mudança de rotina, não se mistura com outras crianças, não mantém contato visual, age como se fosse surdo, resiste ao aprendizado, apresenta apego não apropriado a objetos, não demonstra medo de perigos, gira objetos de maneira bizarra e peculiar, apresenta risos e movimentos não apropriados, resiste ao contato físico, acentuada hiperatividade física, às vezes é agressivo e destrutivo, apresenta modo e comportamento indiferente e arredo.

Nos tempos atuais o Transtorno do Espectro Autista está sendo bem mais divulgados e diagnosticados na mais tenra idade, porém ainda surpreende os especialistas devido a diversidade de sintomas que pode apresentar, pois a criança apresenta falta de reação a sons e dor, incapacidade de reconhecer situação de perigo, dificuldade de se relacionar, problemas de linguagem e alterações de comportamento e geralmente a criança autista apresenta aparência normal e ao mesmo tempo um perfil de desenvolvimento irregular.

Percebemos o quão é importante tanto a família quanto a escola se adequar com recursos que venham contribuir para que o autista possa desenvolver suas competências e habilidades como pessoa no decorrer de sua vida.

5.2 Tipos e causas de Transtorno do Espectro Autista - TEA.

O primeiro estudo relacionado a dados estatísticos epidemiológicos em relação ao autismo foi realizado no ano de 1966, 22 anos após as observações de Kenner. Segundo Klin, (2006), Victor Lotter observou o índice que demonstrava que em cada 10.000 crianças de 8 a 10 anos do condado de Londres denominado de Middlesxe 4,5 (0,045%), possuíam prevalência autista.

Para alguns autores, dentre eles, Fonseca (2015), o TEA engloba diferentes quadros marcados por perturbações do desenvolvimento neurológico com três características fundamentais, que podem manifestar-se em conjunto ou isoladamente. E são elas segundo FONSECA, 2015, p. 3).

1.Dificuldades de Comunicação por deficiência no domínio da linguagem 2. Uso da imaginação para lidar com jogos simbólicos, dificuldade de socialização 3.Dificuldade de socialização e padrão de comportamento restritivo e repetitivo.

Sendo que, três principais dificuldades existentes inerentes ao convívio dos autistas com outras pessoas, vejamos:

- Na **Comunicação** poderá apresentar: Dificuldade em se comunicar; Ausência no uso de gestos; Ecolalia imediata ou diferida; A metáfora não é compreendida; Ritmo e melodias peculiares; Discursos baseados em assuntos de seu interesse; Dificuldade em entender expressões faciais; Dificuldade em estabelecer um diálogo;
- Na **Interação Social** poderá apresentar défictis, por exemplo: Falta de empatia; Contato visual; Brincadeira simbólica; Imitação; Interação espontânea; Déficit na linguagem;
- Em relação ao **Comportamento**, poderá destacar-se: Apego excessivo a objetos; Manipulação de brinquedos sem uso simbólico; Fascínio com o movimento de peças; Resistência a mudanças.

Para a questão dos estudos e do próprio diagnóstico do autismo se passou a utilizar o termo “Espectro” pelo fato de haver muita divergência entre o grau em que o distúrbio se apresenta em cada indivíduo, indo do mais leve ao mais severo dentro desse *Espectrum*, ambas dentro da dificuldade qualitativa de comunicação e relacionamento social, Fonseca

(2015). De acordo com a grande maioria dos neurologistas, dentre eles José Salomão Shchwartzman, mais de 70% dos casos não são diagnosticados, pois os pediatras não sabem diagnosticar por falta de experiência, segundo Dos Santos *et al*, (2016).

Alguns autores, dentre eles Garcia & França, (2011); Bhar & State, (2006), nos afirmam que o autismo pode ser resultante da má comunicação entre algumas regiões do cérebro, demonstrando fatores genéticos envolvidos e que dão origem a esse transtorno. De acordo com os estudos realizados por dois pesquisadores em New Haven – CT nos Estados Unidos vem nos reafirmar que o autismo está intimamente ligado com transtornos genéticos:

O autismo é um transtorno genético. Há muito se avalia que os genes desempenham um papel central na fisiopatologia do autismo e de suas condições relacionadas. Ainda que esses cálculos tenham sido feitos na ausência do conhecimento dos genes causadores da doença, os dados são mesmo assim convincentes. Como um todo a herdabilidade, que é a proporção de variação fenotípica atribuível à causa genética, é calculada em aproximadamente 90%. (BHAR & STATE, p. 30).

Há várias formas em que o autismo poderá se manifestar, sendo que cada uma tem suas peculiaridades dentro do espectro, indo de leve ao severo, havendo variação entre cada um deles. Para Souza *et al*, (2016), o autismo até a década de 90 era classificado da seguinte maneira:

1. Pervasive Developmental Disorder-Not Otherwise Specified (PDD-NOS) que se refere a uma coleção de características semelhante ao autismo, mas que podem não ser tão graves ou extensivas;
2. Síndrome de Rett que atinge mais as meninas, sendo uma perturbação genética com um forte componente neurológico;
3. Síndrome de Asperger que se refere a indivíduos com características autistas, mas com capacidade linguísticas relativamente intactas;
4. Perturbação degenerativa da infância que se refere à criança cujo desenvolvimento nos primeiros anos parece ser normal, mas posteriormente sofre uma regressão com a perda do discurso e outras capacidades, emergindo as características autistas.

Na citação acima as várias distinções relacionadas aos mais diferentes aspectos das síndromes estão organizadas em conceitos bem claros, segundo o referido autor, pois o autismo é um distúrbio neurológico, no qual os portadores apresentam em comum desordens típicas, tanto na dificuldade de interação social quanto na comunicação, além de exibir movimentos com práticas repetitivas.

Sendo o autismo um transtorno do desenvolvimento neurológico e encontra-se presente desde o nascimento, segundo o DSM-4 (1994) encontra-se a presença do desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação e um repertório restrito de ações e interesses, variando as manifestações do transtorno de acordo com o nível de desenvolvimento e da idade cronológica da pessoa.

E segundo o DSM-5 (2013) o Transtorno do Espectro Autista –TEA – possui os seguintes critérios:

1) Déficits clinicamente significativos e persistentes na comunicação social e nas interações sociais, manifestadas de todas as maneiras seguintes: a. Déficits expressivos na comunicação não verbal e verbal usadas para interação social; b. Falta de reciprocidade social; c. Incapacidade para desenvolver e manter relacionamentos de amizade apropriados para o estágio de desenvolvimento.

2) Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades, manifestados por pelo menos duas das maneiras citadas a seguir: a. Comportamentos motores ou verbais estereotipados, ou comportamentos sensoriais incomuns; b. Excessiva adesão/aderência a rotinas e padrões ritualizados de comportamento; c. Interesses restritos, fixos e intensos.

3) Os sintomas devem estar presentes no início da infância, mas podem não se manifestar completamente até que as demandas sociais excedam o limite de suas capacidades.

Atualmente

Pode-se observar com bastante clareza a forma como esse tema tem sido organizado com o passar dos estudos. O novo reagrupamento realizado a partir de 2013 vem deixar claro as denominações feitas anteriormente pelos pesquisadores e os termos aceitos atualmente para efeito de estudos. As denominações atuais parecem soar melhor e menos complexas do que as denominações anteriores.

Abaixo iremos destacar as definições de cada TEA.

Resumidamente, o mundo que está relacionado ao autismo é bastante complexo envolvendo conceitos de natureza bastante distintos e que se entrelaçam em muitos pontos. O número de trabalhos dentro do tema tem sido bastante significativo, principalmente desde os mecanismos de descobertas prematuras até a melhoria no convívio familiar e a inserção nas escolas, o que acaba reforçando um desenvolvimento do autista de forma mais acentuada e positiva.

5.3 Características dos Tipos de TEA.

O termo “autismo” é oriundo da palavra grega “autos” que significa “próprio” ou de “si mesmo”, segundo Souza, *et al*, (2016). Não é fácil identificar pessoas que apresentem algum grau de autismo, já que não se trata de uma doença e sim um distúrbio, mas que de acordo com psicólogos nada mais é do que distúrbios no desenvolvimento, onde, a aparência física é a mesma de uma pessoa qualquer o que difere é justamente no comportamento, dificultando até para os especialistas identificarem, segundo Nogueira (2007), “O TEA é considerado uma doença geneticamente heterogênea e complexa, já que apresenta diferentes padrões de herança e variantes genéticas causais.”.

Alguns autores descrevem algumas das principais características que podem ser notadas com certo grau de atenção ao se observar. Vejamos alguns desses comportamentos segundo o que diz Melo, (2007, p. 72):

Usa as pessoas como ferramenta, resiste à mudança de rotina, não se mistura com outras crianças, não mantém contato visual, age como se fosse surdo, resiste ao aprendizado, apresenta apego não apropriado a objetos, não demonstra medo de perigos, gira objetos de maneira bizarra e peculiar, apresenta risos e movimentos não apropriados, resiste ao contato físico, acentuada hiperatividade física, às vezes é agressivo e destrutivo, apresenta modo e comportamento indiferente e arredo.

Esses fatores não são passageiros, e como já foi dito anteriormente, ocorrem em níveis diferentes de autista para autista, sendo que num mesmo indivíduo, os três níveis podem apresentar graus de complicações diferentes, podendo um ser mais grave que outro em certo ponto. Abaixo iremos destacar os três níveis (Grave, Moderado e Leve) para o TEA:

Tabela 1 - Diferenciando os Níveis de TEA.

Diferenças nos Níveis do TEA

NÍVEL DE GRAVIDADE	COMUNICAÇÃO SOCIAL	COMPORTAMENTOS RESTRITOS E REPETITIVOS
NÍVEL 1 EXIGINDO MUITO APOIO SUBSTANCIAL	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Prejuízos intensos na capacidade de comunicação social verbal e não verbal; ▪ Dificuldades severas em dar início a interações sociais; ▪ Pouca resposta quando as pessoas dão abertura para iniciar uma comunicação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Inflexibilidade de comportamentos; • Dificuldade severa para lidar com mudanças e ações restritas ou repetitivas; • Sofrimento para mudar o foco ou ações.
NÍVEL 2 EXIGINDO APOIO SUBSTANCIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Sérias dificuldades nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; • Prejuízos sociais notáveis mesmo com auxílio; • Limitação ao iniciar interações sociais; • Resposta anormal a aberturas sociais de outras pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Inflexibilidade de comportamentos; • Relutância em lidar com mudanças e ações repetitivas e restritas frequentes, sendo notados por observadores e interferindo em outros contextos; • Sofrimento para mudar o foco ou ações.
NÍVEL 3 EXIGINDO APOIO	<ul style="list-style-type: none"> • Quando não têm apoio, apresentam dificuldade na comunicação social, com danos perceptíveis; • Complicações para iniciar interações sociais e respostas incomuns ou inexistentes a aberturas das pessoas; • Pouco interesse por interações sociais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Inflexibilidade de comportamento, interferindo no funcionamento de um ou mais contextos; • Dificuldade em trocar de atividade; • Problemas de organização e planejamento, que interferem na conquista da independência.

Fonte revista ler & saber - autismo



Observação: Nível 1 – Grave; Nível 2 – Moderado; Nível 3 – Leve.

- Observemos que no nível 1-(Leve) na tabela, para a comunicação social, basicamente necessitam de algum estímulo para interagir, mas que não significa que não possam dar continuidade na interação, na escola, isso pode facilitar para os professores e para os demais colegas;
- Já no nível 2-(Moderado), já apresenta sérias dificuldades em se comunicar, havendo limitações que comprometem uma interação social mais abrangente devido o autista ter pouco interesse nessas interações, o que já dificulta bastante o desempenho na vida social, inclusive na escola;
- No nível 3-(Grave), a comunicação social e a resposta para estímulos interativos são severamente prejudicados, fornecendo pouquíssimas respostas aos estímulos dificultando a abertura para uma comunicação que seja satisfatória. Em relação ao comportamento e tomada de atitude para mudar ações, há comprometimento substancialmente exacerbado ou grave, comprometendo de

forma exponencial seu desenvolvimento e envolvimento com o meio em que se encontra.

O universo autista é uma complexa realidade que englobam distintos conceitos, mas que se cruzam em determinados pontos devido a personalidade do autista é bastante diversa que podem interferir no seu desempenho sem que o professor perceba. Segundo Asperger, (1994, p. 67), aponta algumas das dificuldades que crianças autistas podem apresentar, podendo interferir no seu desempenho sem que o professor perceba.

É possível encontrar com regularidade distúrbios de atenção nas crianças autistas. Estas crianças teriam dificuldade, desde o início, em dirigir a sua atenção para os estímulos exteriores, prejudicando o desempenho escolar. Elas parecem seguir as suas próprias ideias e não gostam de ser distraídas dos seus pensamentos.

5.4 A Educação para Pessoas com TEA.

Vamos analisar de que forma uma criança aprende, por exemplo, através da utilização de brincadeiras com os pais, com os colegas, vizinhos e os professores na escola. Qualquer pessoa dita “normal” onde chega consegue fazer amizades, em sua rua, escola e adquire habilidades motoras e cognitivas, ou seja, através do ato de viver ela aprende. Já para uma criança que apresenta alguma escala no espectro autista, as coisas são um pouco diferentes, pois a forma como o cérebro e os sentidos estão interligados são diferentes, logo, as informações nem sempre poderão se tornar conhecimento dentro do mesmo contexto e expectativa.

Dessa forma, Asperger (1994, p.67 apud SOUZA, 2016), vem nos afirmar que as singularidades e características autistas devem ser consideradas levando em consideração a individualidade do autista não apenas pelo nível de distúrbio, mas levando em consideração a personalidade de cada um e seus desejos e costumes. Cunha (2015) nos coloca que a educação deva ser direcionada ao ser humano e não na síndrome em questão, para ele, o leque de sintomas que surgem durante a infância prejudicam a capacidade de amadurecer ou desenvolver pensamento abstrato, jogos imaginativos e simbolização, além do mais, as crianças com autismo

costumam desenvolver estereotipia com o braço ou o próprio corpo todo, o que tem como consequência o atraso no desenvolvimento motor.

Logo de início, os professores e demais trabalhadores da educação devem observar o comportamento de alunos que apresentem comportamentos que fujam do padrão das demais crianças. Vejamos abaixo alguns pontos a serem levados em consideração:

1. O aluno deverá sentar o mais próximo do professor;
2. Que esse aluno seja requisitado como ajudante do professor em algumas vezes, como apagar quadro de giz, etc...
3. Usar agendas ou calendários, listas de tarefas e listas de verificação;
4. Ser ajudado para poder trabalhar e concentrar-se por períodos cada vez mais longos;
5. Seja estimulado a trabalhar em grupo e a aprender a esperar sua vez;
5. Que aprenda a pedir ajuda;
6. Tenha apoio durante o recreio, onde poderá se dedicar a práticas de seu interesse, do contrário poderá vagar, dedicar-se a algum assunto inusitado ou ser alvo de brincadeiras maldosas. (FONSECA, 2015, p. 30).

Devemos salientar que o aluno, por ser autista, não tenha toda atenção e ajuda que possa passar dos limites ou que venha interferir na construção de sua independência particular como cidadão que busca ser o mais autônomo possível, pois toda ação deverá ser tomada com cautela para que o aluno comece a adquirir sua independência própria. Sendo que uma das ações muito importante, é que o professor verifique se o aluno está acompanhando as atividades propostas e devidamente planejadas, levando em consideração as especificidades de toda turma. Segundo Santos (2016, p. 89) diz que:

Entende-se que para avaliação pedagógica da criança autista é preciso levar em consideração e respeitar sua condição limitada, sua forma de se expressar de forma que não agrida sua vida escolar, mas também ser sensível para preservar a integridade e o autoconhecimento da criança observando suas necessidades.

Segundo Fonseca (2016, p.53) alguns procedimentos ou técnicas devam ser utilizados durante as aulas com o objetivo de facilitar a compreensão e realização das atividades dos autistas, como por exemplo: Atrair a criança pelo olhar; em vez de falar, mostrar como se faz; Não adianta falar para o grupo, apresentar pratica do assunto falado; Ter clareza de quando começa e quando acaba a atividade; Começar por atividades simples; Rotina previsível; Sala simples sem muitos estímulos visuais e com poucas mudanças. Assim também Santo; Barbosa (2016, p. 158) nos diz:

É importante que você entenda que as pessoas com espectro autista tem dificuldade para compreender regras comportamentais e sociais, por isso é importante que tudo seja explicado a ela de forma clara e direta.

Com base no que diz Carothers & Taylor, (2004 apud SANTOS et al, 2016), a educação para as crianças autistas tem como principal objetivo o de aumentar sua independência, a fim de proporcionar mais segurança ao executar tarefas do cotidiano, além de melhorar a qualidade de vida da criança e de seus familiares. Esses autores pontuam a respeito da importância de uma abordagem multi e interdisciplinar que poderá envolver o tratamento farmacológico, intervenção fonoaudiologia, terapia e parceria entre escola e família.

Sendo que, a paciência e a espera por resultados devem ser uma virtude dos educadores, pois o objetivo maior deve estar presente no processo de ensino e na aprendizagem e não nos possíveis resultados esperados, já que o tempo para isso ocorrer varia até mesmo de autista para autista, imaginemos de autista para um aluno comum, há muita variação. É algo bastante interessante para observarmos também durante as leituras, é que no autismo o aprendizado escolar, por exemplo, não é tão importante assim, mas sim a aquisição de habilidades sociais e a sua autonomia, que devem ser conquistadas.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.

A Professora Pedagoga Edna Baratinha Leão foi quem participou da pesquisa e tem experiências mais de 15 anos em docência. Sendo que há de três (3) anos em sua sala de aula regular atende alunos com deficiência, incluindo alunos com Transtorno do Espectro Autista – TEA-.

Dentre as principais dificuldades apresentadas no dia a dia escolar são as salas superlotadas, principalmente no ano de 2019 que possui 1 (um) aluno autista em uma turma de mais de 28 alunos considerados “normais”. A professora reclama essa superlotação, pois se torna cansativo e não conta com apoio de um cuidador em sala de aula, assim como, a participação dos pais que é bastante precária, de pessoas qualificadas na Equipe Pedagógica com maior conhecimento para melhor desenvolver o processo ensino aprendizagem em uma sala regular e atender aluno autista.

A referida Professora Pedagoga afirma que a Escola Municipal de Ensino Fundamental “Francisco Cagas da Silva” não está preparada para a inclusão, principalmente com alunos autistas. Embora tenha uma excelente Sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE, ainda precisa de maior conscientização e melhor sensibilização por parte da Equipe Pedagógica, Departamento de Educação Especial

e acima de tudo da Família dos alunos autistas.

Sabemos que salas superlotadas para alfabetização o rendimento poderá cair, ainda mais com alunos que necessitam de maior acompanhamento e a falta de apoio através de materiais didáticos adaptados faz com que os professores tenham de gastar recursos do próprio bolso, pois se utilizam bastantes imagens impressas, figuras, cantigas de roda e rodas de leitura, caixinhas de palavras e figuras, assim como pinturas e jogos pedagógicos. Com isso, as aulas são em sua maioria esplanadas e orais, onde, a participação dos alunos ocorre de forma bastante positivas.

As perguntas realizadas para a Professora Pedagoga Edna Baratinha Leão foram as seguinte: Os alunos TEA fazem trabalhos grupais com os demais colegas? Como é orientado e organizado essa dinâmica na sala de aula? Vejamos a resposta:

Mediar o processo ensino aprendizagem em uma sala regular com aluno autista é preciso ser e ter competências e habilidades profissionais, porque, no meu caso, não conto com o auxílio do Professor-Cuidador, mais vou adaptando as estratégias pedagógicas para que o aluno sinta-se como parte integrante deste processo e os demais colegas de sala ajudam contribuindo para sua adaptação em sala (Professora Pedagoga Edna Baratinha Leão).

Nota-se que a forma com que a professora atua, mesmo diante de tantas adversidades quanto à estrutura e logística os alunos conseguem participar de alguma maneira. As estratégias permitem maior participação do aluno nas atividades, pois o mesmo apresenta dificuldades em escrever normalmente. Com isso, a ineficiência do Estado acaba fazendo com que os professores tenham que se desdobrar gastando dinheiro do próprio bolso comprando materiais ou levando computadores e celulares para a escola para que alunos possam desenvolver suas atividades e tenham maiores chances de concluírem as tarefas de forma satisfatória. No entanto, ainda criticamos o fato de se desenvolver atividades como colagens e pinturas aos TEA. Não foi possível observar pela fala da docente que o currículo se organiza pensando a partir das competências e habilidades para com o aluno do TEA. O processo metodológico ainda não deixa claro o passo a passo de como é feito o Plano Individual do aluno se é em parceria com a sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE ou não.

No entanto, a partir de observações prévias na sala de aula com o aluno autista percebemos que as atividades desenvolvidas seguem sempre uma rotina que é elaborada e desenvolvida pelos professores (titular e de apoio/cuidador), rotina ou seja atividades diárias, desenvolvida de acordo com o grau de autismo do aluno, eles também lançam mão de vários

recursos áudio visuais, como aplicativos em celular e tablets recursos usados pela maioria dos professores de alunos autistas pois permite a mediar a aprendizagem de forma integrada.

O Cuidador escolar é o profissional responsável por auxiliar o estudante em seus cuidados da vida diário e prática, ajudando o aluno nas atividades que este não desempenha sozinho, como por exemplo: se alimentar, trocar de roupas, ir ao banheiro, entre outras, na maioria das vezes, o cuidador que é designado a trabalhar com esse aluno muitas das vezes não tem formação pedagógica necessária, mas que tem papel importante na sala regular onde atende aluno com qualquer tipo de deficiência.

Com relação ao comportamento dos demais alunos com o aluno TEA, no primeiro contato sempre existe certo receio das demais crianças, pois para elas, por não saber o que é o autismo, a maior parte delas ficam com medo, mas depois que iniciam o convívio essa percepção é esquecida, com isso as crianças passam a demonstrar afeto e carinho com esses alunos. (Professora Pedagoga Edna Baratinha Leão)

Importante destacar que em alguns momentos o autista observado nessa pesquisa mostrava-se stressado todas às vezes que a sala ficava muito quente e também quando as outras crianças faziam conversavam, gritavam ele ficava agitado, inquieto, esfregando a cabeça e etc. nesse momento o professor tentava retirá-lo da sala de aula e depois voltavam, um pouco mais calmo. Dessa forma foi possível observar que passava a estereotipar nessas duas situações: calor e barulho.

Infelizmente quando o aluno estereotipava percebeu-se que as crianças da sala representava o aluno autista como indivíduo antissocial, por ter e apresentar essas características únicas, isso fazia com que algumas crianças se afastassem do colega autista. Assim, pode-se afirmar que as famílias de pessoas que não tem autistas em casa e o próprio professor ainda tem dificuldade de entender e compreender as especificidades das características do TEA, e a desinformação ao invés provoca o medo, o afastamento, portanto não inclui de verdade. E para uma criança com autismo, a exclusão acaba prejudicando ainda mais o desempenho desse durante as aulas.

Infelizmente as escolas ainda apresentam características preconceituosas e discriminatórias, pois muitos alunos trazem esse preconceito do convívio social discriminante e celetista em que vivemos. Sabemos que o preconceito e a discriminação atrapalham o desenvolvimento do aluno com autismo, mas para um professor que tenha cursos de formação continuada e auxílio didático e pedagógico, os resultados obtidos poderão ser maximizados no final do processo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo as leis vigentes no país, todos nós somos iguais perante as leis, não importa o tom da pele, condições financeiras, estado mental, razão social e etc. Logo, todos tem direito ao ensino de qualidade.

E até a atualidade a questão da aceitação e inclusão das pessoas com algum tipo de necessidade especial sempre foi visto de forma preconceituosa pela sociedade, de acordo como visto anteriormente, e na escola ainda existe. Ao passar do tempo, essas pessoas passaram a ter acesso aos serviços públicos dentre eles, a educação, que no Brasil iniciou na década de 60 e de lá para cá com avanços bastante lentos, mas significativos.

Trabalhar em turmas de alfabetização lotadas sabemos que não é fácil, e essa dificuldade só aumenta quando nessa turma existem alunos que necessitam de cuidados específicos, complica ainda mais, pois ambos alunos necessitam de atenção durante o processo ensino aprendizagem e uma das dificuldades encontradas na escola pesquisada foi justamente essa, o que acaba tornando o processo de alfabetização muito mais lento.

Outro problema verificado foi à dificuldade que os professores possuem para planejar e preparar suas aulas diárias, pois há a falta constante de material didático para confeccionar os materiais a serem utilizados pelos alunos durante as aulas, não fazendo distinção entre os alunos sem deficiência e os com TEA, como para recortar, desenhar, pintar e analisar, no entanto isso não é o suficiente para marcar essa escola como inclusiva.

Uma situação relatada pelo professor e observada durante a pesquisa e que são como algo necessário, diz respeito ao planejamento, haja vista, os chamados professores-cuidadores, não participam do planejamento das atividades desenvolvidas em sala de aula, com isso, o rendimento durante o desenvolvimento das atividades poderá ter um percentual significativo de rendimento comprometido, principalmente pela perda de tempo ou não compreensão dos objetivos. Outro ponto é a qualificação dos cuidadores, pois não possuem preparo para lidar com os alunos portadores do TEA, mas o Projeto de Lei do Senado de número 228/2014 que altera a LDB 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional para, quando necessário, assegurar ao educando com Deficiência a Assistência de Cuidador nas Escolas.

A relação dos alunos com TEA podem ser relatados em algumas etapas quanto à inclusão com os alunos sem deficiência. De início, a turma apresenta certa resistência ou dificuldade de aceitação no primeiro contato, isso pode ser fruto do que trazem do convívio social em família, vizinhos e amigos. O positivo é que essa rejeição inicial parecer ser sanada de forma gradativa durante o convívio diário em classe realizando as atividades em grupo ou

de forma individual, destacando a importância das atividades em grupo. Através da experiência de convívio, o autista passa a ser tratado com bastante carinho e afeto pelos demais colegas da escola, o que acaba ajudando bastante seu desempenho escolar e convívio social.

Quanto ao que se referem às estratégias utilizadas pelos professores, não se diferenciam daquilo que estamos acostumados a fazer e observar no convívio escolar. As aulas são basicamente expositivas e orais, onde, os alunos tem participação durante as atividades, por meios variados como uso de tecnologias, com o uso de colagens, recortes, pinturas, desenhos, músicas de rodas, teatrinhos e etc., são bastante comuns e nessas turmas onde existe o aluno TEA a realização dessas tarefas envolvendo a arte poderá ajudar no desenvolvimento dos demais alunos e dos que possuem TEA. No entanto, há necessidade de atentar para as habilidades e estudo do conhecimento do aluno quanto as suas preferencias, pois é através dele que a docente poderá pensar estratégias junto com o AEE.

Observou-se a falta de conexão entre as profissionais do AEE com a sala regular. Ainda há o isolamento didático quando se trata de alunos TEA, onde o trabalho cooperativo ainda precisa ser aperfeiçoado na escola, especialmente nas series iniciais e na alfabetização, para que a inclusão aconteça de fato na referida escola onde ocorreu esta pesquisa, principalmente a que se refere ao Transtorno do Espectro Autista – TEA -.

REFERENCIAS

ABHA, R. Gupta; STATE, Matthew W. Autismo: Genética. **Braz. J. Psychiatry**, 28, suppl 1, maio 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a05v28s1.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2018.

AMARAL, Lígia Assumpção. **Histórias da exclusão e de inclusão?** Na escola pública. Educação especial em debate. Tradução . São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/55d16037-aa62-4ec0-b219-8f8c60fb1033/ALi_28.pdf. Acesso em: 17 abr. 2018.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo** . Trad. Reto, L; Pinheiro, A. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin W.; GASKEL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002

BERETA, Mônica Silveira; VIANA, Patrícia Bestriz de Macedo. Os Benefícios da Inclusão de Alunos com deficiência em Escolas Regulares. **Revista de Pós- Graduação: Desafios Contemporâneos**, v 1, n 1, Junho, 2014. Disponível em:

<http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/revposgrauacao>. Acesso em: 19 de Jan. 2019.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp>. Acesso em: 28 de Março de 2018.

CORRÊA, Maria Helena Calazans. **A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular**. 2010. Especialização em Educação Especial. Universidade Federal de Santa Maria. 2010. Disponível em: http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/846/Correa_Maria_Helena_Calazans.pdf?sequence=1. Acesso em: 28 de Março de 2018.

CUNHA, E. **Práticas pedagógicas para a inclusão e diversidade**. Rio de Janeiro. Ed. Walk, 2015.

DEWEY, John. **Como pensamos**: como se relaciona o pensamento reflexivo como o processo educativo uma reexposicao. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979. 292 p. (Biblioteca pedagógica brasileira. Série 3., Atualidades pedagógicas, v. 2).

DORIA, Neda Gabriela. MARINHO, Thiago Santana. PEREIRA FILHO, Ueliton da Silva. **O autismo no enfoque psicanalítico**. 2006. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt>. Acesso em 10 de junho de 2018.

FONSECA, Maria Elisa Granchl. O diagnóstico dos transtornos do espectro do autismo (TEA). **Revista APAE**. Federação APAE São Paulo, p. 1-44, 2015.

GARCIA, Priscila Mertens; MOSQUERA, Carlos Fernando França. Causas neurológicas do autismo. **O Mosaico**, n. 5, jan./jun., 2011. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico>. Acesso em: 06 fev. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 202 p.

GRIESI-OLIVEIRA, Karina; Sertié, Andréa Laurato. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein**, (São Paulo), v. 15, n. 2, p. 233-238, abr. 2017. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082017RB4020>

LUDKE, Jaqueline Prates Rocha. **Autismo e inclusão na educação infantil**: um estudo sobre as crenças dos educadores. Monografia (especialista em psicologia escolar e educacional) Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

KLIN, Amin. Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão Geral. **Braz. J. Psychiatry**, 28, (supl 1), Maio 2006. Disponível em: www.scielo.br/scielo. Acesso em: 06 fev. 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para reflexão sobre o tema.** São Paulo: Memnon; SENAC, 1997.

MELO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático.** 5 ed. São Paulo: AMA. Brasília: CORDE, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Teoria, Método e Criatividade.** 21. ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

NOGUEIRA, Tânia. Um novo olhar sobre o mundo oculto do autismo. **Revista Época**, São Paulo: Editora Globo, nº 473, p. 76-85. Junho, 2007.

PONTES, Adailton Tadeu Alves. **Transtorno do Espectro Autista.** Instituto Fernandes Figueira. Fundação Oswaldo Cruz, 2014. Disponível em: <http://www.lncc.br/~alm/neupsico12/adailton.pdf>. Acesso em: 01.jun.2018.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 327 p.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzale. Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

SANTOS, Cristiane Fontes dos et al. **O processo de Aprendizagem de Crianças Autistas.** 2016. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc12-3.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2018.

SANTOS, Tatiana; BARBOSA, Regiane da Silva. **Educação Inclusiva.** Editora e Distribuidora Educacional S/A: Londrina, 2016.

SOUSA, Pedro Miguel Lopes de; SANTOS, Isabel Margarida Silva Costa dos. Caracterização da síndrome autista. **Psicologia.pt**, p.1-24, 2005. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/>. Acesso em: 07 fev. 2018.

TAMANAHARA, Ana Carina; PERISSINOTO Jacy; CHIARI, Brasília Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, 2008, p. 296-299. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rsbpf/v13n3/a15v13n3.pdf&ved=2ahUKEwjpcuK55HZAhXCQ5AKHSugDEcQFjAAegQIExAB&usq=AOvVaw0NO1GQtQD3_G4_eGszcWgw. Acesso em: 06 jan., 2018.

UCHÔA, Yasmim Figueiredo, A criança autista na educação infantil: desafios e possibilidades na educação inclusiva. **REP'S, Revista Pedagóg.**, v. 8, n 2, (22. Ed.). Ago./Dez. 2017. Disponível em: <http://sinop.unemar.br/projetos/revistas/index.php/eventos/index>. Acesso em: 22 jan. 2019.

VAGULA, Edilaine; BARBOSA, Ana C. Alencar; BARUFFI, Mônica Maria; MONTAGNINI, Rosely Cardoso. **Didática.** Educacional S.A: Londrina, 2014.

VOLKMAR F. R; KLIN, A; COHEN, D.J. Diagnosis and classification of autism and related conditions: consensus and Issues. In: Cohen DJ, Volkmar FR, eds. **Handbook of autism and pervasive developmental disorders**. New York: Wiley; 1997. p. 5-40.

ANEXO A – ENTREVISTA

1. Pessoal:

a) Nome: _____

b) Nome fictício para a pesquisa: _____

b) Gênero:

 Masculino Feminino

2. Perfil Profissional

a) Tempo de atuação na docência: ()

Menos de 5 anos

 Entre 5-e 10 anos (

) Entre 10 a 15 anos (

) Mais de 15 anos

b) Que tipo de alunos com deficiência você já trabalhou em sala de aula regular? ()

Aluno com dificuldades motoras

 Aluno com dificuldade visual Aluno com dificuldade auditiva Aluno com Transtorno do Espectro Austista – TEA

c) Tempo de Atuação com alunos com necessidade especiais: (

) Menos de 2 anos

 Entre 2 a 5 anos (

) Mais de 5 anos

d) Quantas formações continuadas você já participou sobre TEA? ()

Nenhuma

() Uma

() Duas

() Três ou mais

Perguntas específicas a respeito das experiências adquiridas ao longo da vida profissional.

1. Quais dificuldades você já encontrou em se relacionar com a criança autista no processo ensino aprendizagem mais significativas?

2. Quais metodologias você costuma utilizar em sala de aula onde exista alunos com TEA e que são vistas como mais positivas como facilitadora da aprendizagem?

3. Os alunos com TEA fazem trabalhos em grupos? Como costuma ser organizada essa dinâmica em sala de aula?

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ CAMPUS
UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ – BREVES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR

TERMO LIVRE E ESCLARECIDO DE CONSENTIMENTO DE PESQUISA

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: _____

TÍTULO DA PESQUISA: _____

Caro professor () aluno () gestor ()

Venho por meio deste documento, convidá-lo (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa acima citada desenvolvida por mim, discente do curso de Pedagogia do PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR, da Universidade Federal do Pará. A pesquisa é orientada pelas Prof^{as}. Dr^{as} Arlete Marinho Gonçalves, cujo objetivo geral

E como específicos:

- _____
- _____
- _____

Para consolidar essa pesquisa, faz-se necessário obter as informações por meio de entrevista e observações a ser realizado com _____ da Escola _____

Neste sentido esclareço os procedimentos para a consolidação desse processo de coleta de dados:

1º Sobre **a entrevista**: as coletas de dados serão feitas por meio de um roteiro com eixos que nortearão as perguntas, deixando claro que tal coleta não possui riscos ou reações aos entrevistados;

2º Sobre os **benefícios**: será de caráter colaborativo com os resultados deste relatório de pesquisa, que servirá posteriormente para a produção de conhecimento em nossa região, a qual auxiliará na reflexão sobre a temática em questão.

3º Sobre a participação **voluntária**: a participação do/a entrevistado/a não tem caráter obrigatório, ficando este livre para interromper no momento que julgar necessário;

4º Sobre as **despesas**: o/a entrevistado/a voluntário/a não terá nenhuma despesa referente à pesquisa, assim como não receberá nenhum benefício financeiro;

5º Sobre a **confidencialidade**: a pesquisadora assegurará ao (à) senhor (a) sua identidade sob sigilo e anonimato. Utilizará nomes fictícios para fazer referência aos dados do/as entrevistados/as, e assim preservar sua identidade.

DO CONSENTIMENTO

As informações explicitadas neste documento intitulado TERMO DE LIVRE E ESCLARECIDO CONSENTIMENTO respondeu todas dúvidas surgidas neste primeiro momento e a pesquisadora se responsabilizou em responder todas e quaisquer dúvidas que surgirem durante todo o processo da pesquisa, até minha completa satisfação. Portanto estou de acordo em participar do referido estudo, e assino este documento, dada a informação que o mesmo será arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante: _____

Nome de Identificação fictícia: _____

Assinatura: _____ Data: ____/____/____

ANEXO C - DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR

Expliquei e esclareci a natureza, objetivos, riscos, benefícios desta pesquisa. O/A entrevistado/a compreendeu as informações dadas e aceitou a assinar este consentimento. Ressalto que a dinâmica de **transcrição da entrevista** e **questionário**, em o que o/a mesmo/a participará de outro momento para tomar conhecimento e discutir tudo o que foi relatado (validação), tendo o/a entrevistado/a total direito de acrescentar, excluir ou modificar qualquer declaração realizada por sua pessoa na transcrição. Eu na condição de pesquisadora, assumo o compromisso de utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o/a entrevistado/a tiver qualquer dúvida sobre tais procedimentos e da confiabilidade desta pesquisa, entrar em contato com a professora Doutora Arlete Marinho Gonçalves, professora da UFPA, SIAPE 1889782 pelo celular 91 - 992914581.

Assinatura do pesquisador responsável:

Belém, Pa _____ de _____ de 2019.